



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CONSTRUÇÕES EM CURSO:  
A TRAJETÓRIA DE UMA EGRESSA DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

JULIANA CRISTINA MARES LARANJA

Memorial do artigo *As representações sociais do ateu na TV brasileira: Uma análise de discurso em programas da TV aberta*, apresentado ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, sob orientação da Profa. Dra. Elen Geraldes.

Brasília  
2015

JULIANA CRISTINA MARES LARANJA

CONSTRUÇÕES EM CURSO: A TRAJETÓRIA DE UMA EGRESSA DE  
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

Memorial do artigo *As representações sociais do ateu na TV brasileira: Uma análise de discurso em programas da TV aberta*, apresentado ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, sob orientação da Profa. Dra. Elen Geraldês

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elen Cristina Geraldês (FAC/UnB)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ellis Regina Araújo da Silva (FAC/UnB)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Gabriela Pereira de Freitas (FAC/UnB)

---

Prof. Dr Samuel Pantoja Lima (FAC/UnB)

## RESUMO

Este memorial consiste na descrição da trajetória da vida acadêmica e pessoal de uma estudante, antes e durante o curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília. Contendo as contribuições das disciplinas da graduação, o memorial também apresenta o processo de produção do artigo *As representações sociais do ateu na TV brasileira: Uma análise de discurso em programas da TV aberta*, relatando desde os primeiros passos do surgimento do tema. Com o auxílio das lembranças sobre atividades, habilidades adquiridas e relações interpessoais, foi possível construir este breve resumo sobre o curso que a vida de uma estudante seguiu, as motivações, impasses e conquistas do desenvolvimento de seu trabalho de conclusão de curso.

**Palavras-chave:** Comunicação Organizacional, graduação, curso, vida acadêmica.

## SUMÁRIO

<b>1. EXISTE VIDA ALÉM DA FAC.....</b>	<b>05</b>
<b>2. EXISTE VIDA NA FAC: TUDO NOVO DE NOVO.....</b>	<b>07</b>
<b>2.1 Trajetória Acadêmica.....</b>	<b>07</b>
<b>3. CONCLUSÃO DO CURSO: TCCENDO.....</b>	<b>12</b>
<b>4.7 ANOS, 2 CURSOS, ALGUNS AMIGOS E DIVERSAS MEMÓRIAS.....</b>	<b>14</b>

## 1. EXISTE VIDA ALÉM DA FAC...

Minha história de amor e ódio com a UnB começou anos antes de a Comunicação entrar na minha vida

Sempre achei muito difícil me encaixar em alguma área de formação acadêmica. Tinha vontade de fazer algo na área de biológica ou de exatas, mas o mundo das humanas também me encantava.

Em 2008 ingressei em Ciências Sociais (CS). A escolha foi baseada no meu gosto por todo tipo de conhecimento humano. Sempre quis saber o máximo sobre tudo. Acreditava que nas Ciências Sociais encontraria de alguma forma abertura para um conhecimento mais amplo. Queria trabalhar com Antropologia Forense, mesmo sabendo que o foco do curso na UnB era o cultural. Planejava terminar a graduação em outro lugar que também oferecesse a antropologia que eu queria.

O início do curso foi muito divertido, afinal, eu tinha acabado de entrar na tão idolatrada UnB. O período era diurno e tinha janelas de horário muito grandes – por exemplo, a primeira aula às 8h e a segunda às 16h. Aproveitei esses espaços para pegar mais matérias além das obrigatórias do primeiro semestre que eram Introdução à Sociologia, Introdução à Antropologia, Introdução à Ciência Política e Introdução à Economia. A disciplina adicional era História Social e Política Geral. E assim foi preenchido meu primeiro semestre na UnB, com animadas tardes no Antro, o Centro Acadêmico de Antropologia, e no Caso, o CA de Sociologia. Não dá para esquecer também os *happy hours*. O primeiro semestre foi suado, sofrido e divertido, sem nenhum tipo de arrependimento na escolha do (até então) curso da minha vida.

A partir do segundo semestre parecia que uma nuvem de trevas pairava sobre minha cabeça quando eu pensava em meu futuro profissional. Não me via uma cientista social da forma apresentada pelo curso. Até me imaginei estudando culturas tribais, mas não era o suficiente para tirar a aflição que eu sentia. Até o sonho da Antropologia Forense foi reduzido a uma série que assisto sobre o tema.

Em meio às teorias sociológicas/antropológicas, estatística aplicada, teorias políticas e econômicas decidi abandonar de vez o curso no meio do quarto semestre, em 2010. Essa decisão foi uma das mais difíceis que tinha tomado na

minha vida até aquele momento, já que o ingresso na UnB não é tão fácil e já tinha consumido dois anos de estudo. Como acredito que toda forma de conhecimento seja válida, aproveitei o que tinha aprendido em muitas coisas até na minha vida pessoal. O que foi aprendido nas CS teve grande participação na formação de quem sou hoje. Além das pessoas maravilhosas que conheci, ajudou a formar a minha visão de mundo e a compreensão dos fenômenos sociais. Acabei definindo que o meu problema com as CS era o excesso de subjetividade. Muita leitura de textos complexos, mas nada objetivo, palpável. Pelo menos era assim que eu me sentia.

Os primeiros meses fora da UnB trouxeram alívio, mas o passar do tempo fez surgir um leve desespero. E agora? Em que eu vou me formar? Eu ainda não sabia em que curso, mas a faculdade seria a UnB. Estudei a vida toda em escola pública e também queria me formar em uma.

Então decidi me matricular no mesmo cursinho de 2008, mesmo sem saber qual curso. Lá conheci minha querida amiga Maria Rita que também estava na mesma situação. Tinha acabado de abandonar Letras. Juntas procuramos o “curso perfeito” até um dia em que ela apareceu com o fluxo de disciplinas de um tal curso de “Comunicação Organizacional”. Analisamos por um tempo e vimos que havia mais pontos positivos do que negativos. Quando iniciou o período de inscrições para o vestibular 2º/2011 nos inscrevemos. Passamos juntas e hoje estamos aqui, nos formando na tal ComOrg.

## 2. EXISTE VIDA NA FAC: TUDO NOVO DE NOVO

No segundo semestre do ano de 2011, quando ingressei no curso de Comunicação Organizacional, passei a conhecer a Faculdade de Comunicação – FAC. A primeira coisa que estranhei foi o fato de todas as disciplinas do curso serem ministradas em salas que estão em um único corredor. Então tinha acabado a correria dos percursos que atravessavam a UnB de ponta a ponta para chegar de uma aula à outra. Aos poucos, fui me adaptando ao novo ambiente e às rotinas administrativas da secretaria, que também eram diferentes. Com o tempo e as disciplinas, fui desvendando melhor os espaços e portas escondidas da FAC até me sentir em casa.

Na secretaria da FAC, conheci Rosa Helena, ou Rosinha como os alunos a chamam carinhosamente. Nunca tinha conhecido uma funcionária de qualquer outra secretaria que fosse tão maravilhosa. Antes, só de pensar em resolver qualquer assunto administrativo, já sentia um mal estar prévio imaginando a má vontade que muitos têm de atender pessoas, mas na FAC isso acabou. Sabia que a Rosinha estaria lá e com toda boa vontade e simpatia me atenderia. Mesmo que o assunto não fosse resolvido não tinha problema, já valia a visita.

### 2.1 Trajetória Acadêmica

No primeiro, semestre me matriculei apenas nas disciplinas obrigatórias. Matérias que buscam introduzir ao aluno os principais conceitos e áreas da comunicação de um modo geral. O diferencial que acredito ser um dos principais da ComOrg em relação às outras habilitações de Comunicação Social é o enfoque no Planejamento já de início.

Na disciplina de Introdução ao Planejamento, nos foi apresentada uma parte da Comunicação que está diretamente ligada aos conceitos da Administração. Junto à Introdução ao *Marketing*, a matéria de planejamento expôs ferramentas e definições importantes para analisar e compreender de forma ampla e organizada contextos comunicacionais.

A disciplina Teorias da Comunicação, ministrada pelo professor Tiago Quiroga, foi com a qual eu me senti mais familiarizada, pois o conteúdo faz parte dos estudos

das Ciências Sociais. A disciplina situa o surgimento das teorias e o impacto da Comunicação na sociedade.

Linguagens da Comunicação foi a disciplina que criou em mim um princípio de admiração pelo curso, fazendo crescer a certeza de que tinha feito a escolha certa. As professoras Ellis Regina e Gabriela Freitas compartilharam a matéria em dois módulos igualmente interessantes e empolgantes. Fotografia e audiovisual são dois temas pelos quais sempre me interessei como entretenimento, mas a partir daquelas aulas começaram a fazer parte da minha vida profissional também.

Já no primeiro semestre eu pude encontrar muito do que procurava. Na Comunicação pode-se integrar conhecimentos e saber um “pouco de tudo”.

No segundo semestre, uma das disciplinas que mais se destacou, na minha opinião, foi Teorias da Comunicação Organizacional com a professora Janara Souza. A paixão com que a professora falava sobre Comunicação me encantou e me fez ter vontade de saber tanto quanto ela. Além disso, foi nessa disciplina que pude começar a entender certas particularidades de ComOrg, conhecendo a autora mãe da área, Margarida Kunsch.

Também no segundo semestre fiz a matéria Planejamento em Comunicação com a professora Liziane Guazina. De uma forma complementar, mas não menos importante, essa disciplina agregou bastante à Teorias da ComOrg para o entendimento da identidade do curso. A visão da Comunicação de uma forma estratégica foi apresentada, mudando a ideia de que a Comunicação só poderia ser vista da ótica das habilitações já existentes.

Além das disciplinas citadas acima, o segundo semestre também contou com Linguagens da Comunicação 2, Metodologia de Pesquisa em Comunicação e Produção e Edição de Imagem e Som. A primeira dividida em três módulos: Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda, tendo um foco mais teórico. As outras duas matérias eram mais voltadas para a prática e exigiram produtos finais aplicando toda técnica aprendida.

O terceiro semestre de certo modo foi um marco na minha vida acadêmica e profissional. As disciplinas Técnicas de Jornalismo Impresso e Online, com o professor Fábio Pereira, e Planejamento Gráfico, Visual e Web, com a professora Gabriela Freitas, atuaram de forma conjunta na produção de uma revista temática. Na escolha do tema, a minha sugestão foi acolhida quase com unanimidade: Séries



de TV e internet.

Nos semestres anteriores, além da UnB eu também fazia um curso de Computação Gráfica, no qual aprendi a usar os principais *softwares* de editoração gráfica. Inicialmente comecei com a ideia de que seria um curso útil na minha vida acadêmica, mas a partir das aulas com a professora Gabriela, descobri que o *design* gráfico vai muito além de saber mexer em programas. Conheci processos de criação e um pouco mais sobre teorias da estética publicitária. Então comecei a ver o *design* gráfico como uma profissão possível para mim.

Na produção da revista chamada *Serieholic* ajudei quase a turma toda na diagramação de seus trabalhos, pois nem todos conheciam os programas de editoração gráfica. Ajuda que me rendeu a monitoria da disciplina no semestre seguinte.

Depois de passar por Jornalismo Impresso e Online percebi que aconteceu algo interessante com os alunos da minha turma. No primeiro dia de aula do primeiro semestre, ao sermos questionados por uma professora sobre o motivo de termos escolhido o curso de ComOrg, a maioria disse que na verdade pretendia fazer Jornalismo, mas entraram em Comunicação do noturno por ser menos concorrido. Com o fim da disciplina que nos ensinou os conceitos e princípios básicos do Jornalismo, a maioria desistiu da ideia de mudar de curso e abraçou ComOrg..

Ainda no terceiro semestre tive o prazer de conhecer a professora Elen Geraldine, que ministrou a disciplina Políticas de Comunicação, Sociedade e Cidadania. Foi em um trabalho dessa matéria que escolhi o tema deste TCC. Por fim, o terceiro semestre também contou com Gestão em Comunicação dada pela professora Liziane, que nos mostrou como lidar com a gestão de crises relativas à comunicação de empresas e figuras públicas.

No quarto semestre cursei as disciplinas obrigatórias Técnicas de Jornalismo em Rádio e TV, Instrumentos da Comunicação Organizacional, Planejamento e Gestão em *Marketing*, Criação em Comunicação e Publicidade. Nesse semestre dei monitoria em Planejamento Gráfico e comecei a estagiar na empresa *True Net* Consultoria em Informática – TNCl, onde era a responsável por criar *layouts* para sites vendidos pela empresa. Também fazia a criação de identidade visual e a publicidade digital de todos os clientes e sites administrados pela empresa. Nesse estágio na TNCl senti uma certa dificuldade por não ter ninguém da área da

comunicação na empresa. Éramos apenas eu e o programador fazendo todo o trabalho. Mas isso foi um desafio que me rendeu muita experiência.

Trabalhei por alguns meses mesmo sem conseguir a assinatura da FAC no contrato por ainda não ter concluído o quarto semestre. Essa burocracia me impediu de estagiar em lugares como o Ministério da Defesa e Embrapa, em que fui aprovada nas entrevistas.

Em agosto de 2013 fazia cinco anos que eu estava na UnB. A essa altura da graduação em ComOrg, já sentia abatimento e uma vontade de não ir mais para a faculdade. Por várias vezes pensei em largar o curso. Só de entrar no “minhocão” eu já ficava com um mal estar, mas sabia que se quisesse que isso acabasse teria de suportar mais dois anos, então continuei cumprindo minhas obrigações acadêmicas. Trabalhar e estudar era muito puxado, eu estava cansada.

No quinto semestre, cursei as disciplinas obrigatórias de Roteiro, Produção e Direção Para Web, Vídeo e Cinema, Pesquisa em Opinião e Mercado, Planejamento e Gestão em Organizações Públicas, Privadas e do Terceiro Setor. Foi um semestre particularmente trabalhoso por contar com uma disciplina de audiovisual. Tive até de comprar uma câmera semi-profissional para não precisar ficar esperando as câmeras da FAC estarem disponíveis. As outras duas disciplinas também exigiram muito nas pesquisas para a produção de seus trabalhos finais.

No sexto semestre fiz as disciplinas obrigatórias de Formatação e Gerenciamento de Projetos em Comunicação, Planejamento e Gestão em Web, Gestão Estratégica para a Sociedade e Avaliação em Projetos de Comunicação. Nesse semestre comecei a estagiar na assessoria de comunicação da Agência Nacional de Transportes Aquaviários – Antaq. Lá a equipe de Comunicação é composta por dois jornalistas, uma funcionária formada em Relações Públicas e dois estagiários, um de Jornalismo e outro de Publicidade. Fui contratada para a vaga de publicidade. O trabalho era mais voltado para publicações impressas, então tive experiência com gráfica. Conheci pessoas na Antaq que viraram amigas e com as quais sempre mantenho contato.

No sétimo semestre, cursei as disciplinas obrigatórias de Assessoria e Consultoria em Comunicação e o Pré -Projeto de TCC. Foi um semestre muito tenso para mim. Comecei a elaboração do pré-projeto com toda empolgação focando no tema que já tinha pensado desde o terceiro semestre. Na disciplina Assessoria,

minha turma teve a Secretaria de Comunicação da UnB como cliente. Nos foi designada a elaboração de uma campanha de boas vindas para os calouros do 1º/2015. Fiquei na equipe responsável por criar a identidade visual da campanha e produzir um *hotsite* guia para os calouros. O tema da campanha era Guia do Universitário das Galáxias.

Ainda no sétimo semestre, continuei estagiando na Antaq, quando tive a oportunidade de fazer uma entrevista para uma vaga de criação na Diretoria de Controles Internos do Banco do Brasil. No dia 10/10/2014, fui fazer a entrevista, na mesma hora recebi o resultado e fiquei super feliz. Nesse mesmo dia eu tinha de passar a noite com minha tia Lela, irmã mais nova do meu pai, pois ela havia feito uma abdominoplastia no dia anterior e precisava de cuidados. Quando cheguei na casa dela e contei que eu tinha conseguido a vaga no Banco, ela sem conseguir falar nem respirar direito ainda disse: “Essa minha bebê é muito boa..”. Durante a noite, fiquei sozinha com ela e tinha de observar sua respiração que estava precária por conta da cirurgia. Chegou um momento em que parei de escutar os barulhos da respiração. Ela parou de respirar e eu não conseguia fazer voltar. Liguei para o Samu e os Bombeiros, mas demoraram uma hora para chegar e ela faleceu ali mesmo.

Essa situação me fez perder toda e qualquer vontade de fazer qualquer coisa. A empolgação com a formatura acabou. As únicas coisas que me fizeram suportar a situação foram o apoio da minha mãe, irmãos e amigos e também saber que eu tinha de ajudar meu pai e minha vó a superarem a dor. Ela não era uma tia distante – eu e meu irmão éramos como filhos para ela, já que ela não pode ter filhos. Eu era a bebê dela, não importava a minha idade.

Fiquei mais de um mês sem nem tocar no pré-projeto e nas artes da campanha. Pensei que perderia o semestre. Quando voltei para as orientações com o professor Samuel, ele me ajudou a retomar, mas já não fazia com a vontade inicial. Apenas pensava em não perder o semestre e não alongar mais ainda meu tempo na UnB. Concluí o sétimo semestre com um pré-projeto mediano.

Voltei a fazer as artes da campanha de boas vindas com o apoio dos meus colegas de equipe. Assim, a campanha foi concluída e aprovada com sucesso. Tudo o que fizemos foi realmente aplicado pela reitoria e também apresentado no Intercom Centro-Oeste. Nosso trabalho ganhou nas duas categorias nas quais

estava inscrito: *Web site* e Comunicação e Inovação.

Finalmente, no oitavo semestre, cursei a disciplina que orienta a produção do TCC e também me matriculei em Filosofia da Religião por ter relação com o tema do meu trabalho. Infelizmente tive de trancar a matéria de filosofia por conta do transporte público da Unb para a Rodoviária do Plano Piloto que não suporta a quantidade de alunos que precisam do serviço. Nesse semestre continuei trabalhando no Banco do Brasil até o fim do contrato em junho de 2015. Também no oitavo organizei os preparativos para fazer um intercâmbio. Com o fim da graduação, uma semana depois da apresentação do TCC, vou passar uma temporada estudando inglês no Canadá, na cidade de Toronto.

### **3. CONCLUSÃO DO CURSO: TCCENDO**

O tema que escolhi para meu trabalho final já estava sendo pensado desde o terceiro semestre quando a professora Elen Geraldine nos demandou um trabalho sobre minorias e grupos discriminados pela mídia. Cada aluno teria de escolher uma minoria que não fosse devidamente representada nos meios de comunicação e que sofria alguma forma de preconceito. Foram diversas as minorias escolhidas pela turma. Das mais comuns como obesos a bem interessantes como gente feia. Os ateus foram a minoria escolhida por mim. Com a apresentação desse trabalho, a professora Elen, que mais tarde viraria minha orientadora, me disse que aquele tema daria um bom TCC. Então agarrei a ideia e comecei a desenvolver na disciplina de pré-projeto do TCC.

Na apresentação do terceiro semestre, utilizei o discurso do apresentador Datena agora presente no meu TCC. A intenção inicial era falar sobre a falta de espaço para o ateísmo nos meios de comunicação do Brasil, mas por meio das pesquisas acabei me deparando com esse discurso de ódio proferido por um jornalista em um meio público de comunicação, que acabou por mudar o viés do trabalho. Ali percebi que a falta de espaço não era a única questão. A representação do ateu como uma pessoa necessariamente má, responsável por tudo de ruim que existe, era algo comum de se encontrar nos mais diversos tipos de mídia. Assim, destaquei um trecho do vídeo e apresentei em sala de aula.

No pré-projeto do TCC o professor Samuel me ajudou a direcionar e focar o

trabalho para algo mais completo. Até esse momento o que eu queria fazer era um estudo de caso do canal de humor do *YouTube* Porta dos Fundos, que é composto por alguns atores ateus. Eram 12 vídeos com conteúdos ateístas. Mesmo não falando sobre o ateísmo em si, os vídeos de algum modo representavam as religiões e crenças como se fossem coisas comuns. Faziam suas piadas de forma livre sem considerar símbolos religiosos como coisas sagradas, o que era considerado por uns desrespeito e, por outros, liberdade de expressão. Acreditei que a análise do conteúdo desses vídeos daria uma monografia interessante. No entanto, com a orientação da professora Elen, decidi fazer um artigo científico.

No momento da produção do TCC, eu estava em um vaivém que não me deixava tempo para nada. Era financiamento de apartamento em programa habitacional do governo, documentação para o intercâmbio, estágio, trabalhos de *freelancer* como designer, UnB e ainda tinha de resolver para o meu pai assuntos burocráticos da minha falecida tia. Tudo isso regado a muitas esperas e viagens de ônibus. Quando surgiu a alternativa de fazer um artigo, achei a melhor forma de se trabalhar levando em conta a escassez do meu tempo.

O artigo ganhou um recorte teórico que me agradou muito. Eu ia explicando de uma forma vaga e às vezes até sem sentido tudo o que eu queria falar no trabalho, e então a professora-orientadora me apresentava autores que diziam de forma mais clara o que eu queria explicar. Sempre fui impressionada com a abrangência do conhecimento da professora Elen e com a orientação essa admiração só aumentou.

O tema, então, ficou focado nas representações sociais do ateu criadas por discursos televisivos. Análise de Discurso (AD) e Teoria das Representações Sociais (TRS) foram os aportes teóricos fundamentais para a produção do artigo.

Concluída a delimitação do tema, busquei referências em outros artigos para poder entender como se construía a estrutura de um artigo científico com todos seus elementos essenciais. Tendo artigos científicos definidos como “pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não se constituem em matéria de um livro.” (LAKATOS e MARCONI, 2003), fiz uma pesquisa para encontrar os autores que dariam a cientificidade ao meu trabalho.

Os autores Serge Moscovici e Denise Jodelet foram a base para o estudo de TRS, já AD foi fundamentada, essencialmente, nos estudos de Eni Orlandi e Helena Nagamine. Esse quatro autores foram os principais estudados para a produção do

trabalho. A obtenção da maioria das informações acerca do universo ateu, desde seu histórico até a discriminação nos dias de hoje, foi possível graças aos espaços virtuais que os ateus utilizam para expressarem suas ideias à sociedade. As redes sociais da organização Atea, por exemplo, disponíveis no *site* [atea.org.br](http://atea.org.br), produzem e reproduzem diariamente conteúdos que defendem os direitos civis dos ateus.

Também encontrei por meio de pesquisas na internet o discurso do apresentador Datena do ano de 2010. Esse foi mais impactante por transmitir um nível de ódio aos ateus de uma forma totalmente gratuita, os acusando de todos os males da humanidade. Assim, pude perceber que a questão do respeito e das formas de representações dessa minoria era algo importante a ser tratado nos meios de comunicação.

A maior dificuldade foi encontrar conteúdos na televisão que não se restringissem apenas a debates onde os programas colocam um teísta e um ateu frente a frente para apresentarem seus pontos de vista. Acredito que esse formato de discussão seja totalmente válido, mas, muitas vezes, acabam por transformar o momento em uma luta de quem está certo ou errado em acreditar ou não, descaracterizando a busca pelo respeito dos ateus enquanto cidadãos. Porém, nessa pesquisa encontrei as novelas Sangue Bom e Babilônia em que os autores inseriram ateu no contexto de suas tramas o tratando como um cidadão comum que sofre preconceito.

Com os elementos necessários conduzi produção do artigo que seria meu trabalho final no curso de Comunicação Organizacional.

#### **4. 7 ANOS, 2 CURSOS, ALGUNS AMIGOS E DIVERSAS MEMÓRIAS**

No primeiro dia de aula de Teorias da Comunicação Organizacional, a professora Janara pediu para cada aluno dizer uma palavra que o definia. Até chegar a minha vez de falar, fiquei pensando que era muito difícil escolher apenas uma palavra para definir alguém. Pensei durante um tempo enquanto escutava as palavras dos colegas. Algumas palavras eram tão legais que eu dizia pra mim mesma “Poxa, essa podia ser minha!”, mas não eram. Cheguei a conclusão de que minha palavra era “indecisão”. Até para decidir a palavra foi demorado.

Na UnB, pude viver os melhores e piores momentos da minha vida até aqui.

Maiores curtições, ótimos amigos, muito conhecimento adquirido e até muita dor e raiva. Um grupo de amigos especiais do meu semestre, denominados carinhosamente como “Realeza da FAC” (Barbara Lima, Gabriela Varela, Gabriela Oliveira, Lucas Lopez, Maria Rita e Valesca). Eles me ajudaram a passar por esses tempos e não desistir, mais uma vez, deixando a indecisão tomar conta. Guilherme Werneck, Raquel Sabatovicz, Kirk, Pedro Santiago e Élide são amigos que admiro muito e também fazem parte dessa história. Por fim, não posso deixar de lado minhas colegas do “#partiu formar”, grupo das maravilhosas garotas também orientadas pela professora Elen e que apoiaram umas às outras nesse sofrido oitavo semestre, Ana Laura, Luiza Antonelli, Gabriela da Costa e Élide. Todos eles contribuíram com a construção de quem eu sou e de quem posso ser.

Ao longo desses sete anos que estudei na UnB, por um bom tempo acredito que era essa minha palavra mesmo. A mudança de curso, as incertezas no caminho, a vontade de sempre mudar alguma coisa...Estive indecisa nesses momentos. Quando olho hoje e busco a tal palavra, a minha palavra, acredito que na verdade seja “equilíbrio”. Entendi que essa palavra não precisa ser necessariamente algo que te define, mas pode ser algo que você busca. E é esse meu modo de querer a vida. Nem mais, nem menos, apenas o suficiente para ter paz e ser feliz. O equilíbrio para ir seguindo o curso da vida.

*“Ash to ash  
Dust to dust  
Fade to black...  
But the memories remains.”  
(Metallica)*

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

LAKATOS, E .M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica** . São Paulo - Editora Atlas S.A. - 2003 .